

Por ocasião dos domingos do Mês Missionário de outubro de 2026, temos a alegria de partilhar convosco algumas das meditações preparadas para todo o mês, no âmbito de uma colaboração entre as Direções Nacionais das Pontifícias Obras Missionárias da Itália, da Índia e dos Estados Unidos, juntamente com o Secretariado Internacional da PUM.

Os comentários sobre as leituras bíblicas do Mês Missionário foram enviados por e-mail a todos os Diretores Nacionais das POM, que poderão utilizá-los nas diversas atividades de animação missionária.

Queremos renovar a nossa gratidão às Direções Nacionais que colaboraram na preparação destes textos e, de modo particular, aos seus autores: o Rev. Pe. Alessandro Sacchi (Itália), o Rev. Prof. Yesu Karunanidhi (Índia); e Mons. Roger Landry (Estados Unidos).

A PUM acrescentou algumas citações úteis para aprofundar a reflexão.

Domingo, 11 de outubro de 2026

XXVIII Domingo do Tempo Comum

Is 25,6-10a ; Sl 22; Fil 4,12-14.19-20; Mt 22,1-14

A liturgia de hoje desdobra-se diante de nós como uma visão magnífica da generosidade de Deus, uma visão que fala profundamente à identidade missionária da Igreja. No coração da Palavra de Deus, encontra-se uma imagem poderosa e recorrente: um banquete preparado pelo próprio Deus. Isso não é coincidência. As Escrituras usam a linguagem da celebração para descrever a salvação, a comunhão, a alegria e a plenitude.

Na primeira leitura de Isaías, ouvimos uma das promessas mais reconfortantes da Bíblia: “O Senhor dos exércitos vai preparar no alto deste monte, para todos os povos do mundo, um banquete de carnes gordas, um banquete de vinhos finos, de carnes suculentas, de vinhos refinados.” Estas não são meramente imagens poéticas; são uma revelação teológica. O plano de Deus é universal. O banquete não é preparado para alguns escolhidos, não para os perfeitos, não para os privilegiados, mas para todos os povos. Aqui encontramos o fundamento mais profundo da missão. A Igreja não cria a sua vocação missionária; ela recebe-a do próprio coração de Deus, que deseja que toda a humanidade seja reunida em Sua vida.

Isaías prossegue com palavras de profunda esperança: Deus removerá o véu que cobre as nações, destruirá a morte para sempre e enxugará as lágrimas de todos os rostos. A salvação é descrita não como uma fuga, mas como uma cura; não como uma exclusão, mas como uma restauração. A missão, portanto, é a participação na obra de vida e consolação de Deus. É a extensão da misericórdia divina às feridas do mundo.

O Salmo 22 ecoa essa mesma visão através da terna imagem do pastor: “Javé é o meu pastor [...]. Diante de mim prepara a mesa.” Mesmo no vale da sombra da morte, não há motivo para temer. Porquê? Porque a presença de Deus transforma tudo. A vida cristã é sustentada pela generosidade divina. A gratidão torna-se o solo fértil do qual nasce a missão. Aqueles que experimentaram o cuidado de Deus não podem permanecer fechados em si mesmos.

São Paulo, escrevendo aos Filipenses, revela a liberdade interior do discípulo missionário: “Aprendi a viver na necessidade e aprendi a viver na abundância” (Fil 4,12). O segredo de Paulo não é a força pessoal, mas a confiança centrada em Cristo: “Tudo posso naquele que me fortalece”. A vida missionária inevitavelmente passa por dificuldades e consolações, escassez e abundância. Contudo, quando Cristo se torna o verdadeiro tesouro, as circunstâncias perdem a sua tirania.

Paulo também expressa gratidão pela solidariedade da comunidade: “Vocês fizeram bem, tomando parte na minha aflição” (Fil 4,14). A missão nunca é uma empreitada isolada. Ela é sustentada pela oração, generosidade, sacrifício e comunhão. Aqui ouvimos o ensinamento constante dos Papas,

especialmente nas suas mensagens para o Dia Mundial das Missões. O Papa Francisco lembra-nos repetidamente que a missão pertence a toda a Igreja. Alguns são enviados, outros apoiam, mas todos estão envolvidos. O Evangelho avança por meio de uma rede de fé e caridade.

O Papa Francisco fala de uma Igreja que “segue em frente”, uma Igreja que se recusa a permanecer presa à sua zona de conforto ou ao seu instinto de auto-preservação. A missão, insiste ele, nasce de um encontro com Cristo e se expressa através da compaixão. A evangelização não é propaganda; é partilhar a alegria. É o transbordamento natural de um coração tocado pela misericórdia.

O Papa Leão XIV, dando continuidade a essa visão missionária, convida a Igreja a redescobrir a esperança como força motriz da evangelização. A missão sustenta-se na certeza de que Cristo está vivo e actuante na história. Não estamos a difundir uma mensagem abstrata, mas a testemunhar um Senhor vivo. A esperança dá coragem. A esperança gera perseverança. A esperança torna a missão possível mesmo num mundo cansado.

No Evangelho, Jesus apresenta a parábola do banquete de casamento. Mais uma vez, a imagem da festa. Mas agora deparamo-nos com uma tensão dramática: os convidados recusam-se a vir. A tragédia não é a hostilidade, mas a indiferença. Estão distraídos, preocupados, absortos nas suas próprias aflições. Como isto soa oportuno. A missão hoje muitas vezes encontra não uma rejeição direta, mas um esquecimento silencioso, uma vida repleta de ruídos e urgências.

Contudo, o rei não cancela o banquete. Ele estende o convite: “Portanto, vão até as encruzilhadas dos caminhos, e convidem para a festa todos os que vocês encontrarem” (Mt 22,9). Esta é a missão na sua forma mais pura. O Evangelho expande-se. As fronteiras dissolvem-se. Convidados inesperados são acolhidos. Aqui vemos o mandato missionário da Igreja: o convite de Deus deve alcançar a todos, especialmente aqueles que jamais imaginaram que seriam incluídos.

Mas a parábola termina com uma advertência que nos faz refletir: o convidado sem a veste nupcial. Não se trata de decoro exterior, mas de transformação interior. A misericórdia de Deus é universal, mas nunca superficial. Aceitar o convite significa aceitar a conversão. A missão não é apenas inclusão; é participação numa vida transformada pela graça.

Tanto o Papa Francisco como o Papa Leão XIV enfatizam esse equilíbrio essencial. A Igreja proclama a misericórdia infinita e chama ao discipulado autêntico. O Evangelho consola, mas também transforma. O amor divino acolhe-nos como somos, mas nunca nos deixa onde estamos.

Estas leituras falam diretamente às nossas vidas. Somos convidados para o banquete. A Eucaristia que celebramos já é um antegosto da festa de Isaías. Aqui Cristo reúne o seu povo. Aqui o céu toca a terra. Aqui a gratidão se torna missão. Cada Missa termina com um envio, lembrando-nos que a fé deve expandir-se para fora em testemunho.

Perguntemo-nos: vivemos como pessoas conscientes de termos sido convidadas? A nossa fé irradia alegria? A nossa esperança é visível aos outros? O mundo anseia, muitas vezes em silêncio, por significado, cura e esperança. A Igreja é enviada como sinal do banquete de Deus — sinal de que a comunhão é possível, de que a misericórdia é real, de que a vida triunfa sobre a morte.

As palavras de Isaías tornam-se a nossa oração: “Vejam o nosso Deus! É nele que esperávamos para que nos salvasse: celebremos e festejemos a sua salvação” (Is 25,9). A missão, em última análise, é esta alegria partilhada.

Citações úteis:

PAPA FRANCISCO, *Discurso aos participantes na Assembleia Geral das Pontifícias Obras Missionárias*, Sala Clementina, Sábado, 3 de Junho de 2023

[...]

Fomos enviados para continuar esta missão: ser sinal do Coração de Cristo e do amor do Pai, abraçando o mundo inteiro. Aqui encontramos a «coração» da missão evangelizadora da Igreja: chegar a todos com o dom do amor infinito de Deus, procurar a todos, acolher a todos, oferecer a vida por todos sem excluir ninguém. *Todos*. Esta é a palavra-chave. Quando o Senhor narra aquela festa de núpcias (cf. Mt 22, 1-14) que correu mal, porque os convidados não vieram: um porque comprara uma vaca, outro porque teve de viajar, o terceiro casou-se... Que diz o Senhor? Sai pelas encruzilhadas e convidai a todos, todos: sãos e doentes, maus, bons,

pecadores... todos. No coração da missão, está isto: aquele «todos». Sem excluir ninguém. Todos. Por conseguinte, cada uma das nossas missões nasce do Coração de Cristo, para deixar que Ele atraia todos a Si. E este é o espírito místico e missionário da Beata Paulina Maria Jaricot, fundadora da Obra da Propagação da Fé, que foi tão devota do Sagrado Coração de Jesus.

PAPA FRANCISCO, *Homilia*, Santa Missa e canonização dos Beatos: André De Soveral, Ambrósio Francisco Ferro, Mateus Moreira e 27 Companheiros; Cristóvão, Antonio e João; Faustino Míguez; Ângelo De Acri, Praça de São Pedro, Domingo, 15 de Outubro de 2017

A parábola, que ouvimos, fala-nos do Reino de Deus comparando-o a uma *festa de núpcias* (Mt 22, 1-14). Protagonista é o filho do rei, o noivo, no qual facilmente se vislumbra Jesus. Na parábola, porém, nunca se fala da noiva, mas de muitos convidados, desejados e esperados: são eles que trazem o vestido nupcial. Tais convidados somos nós, todos nós, porque o Senhor deseja «celebrar as bodas» com cada um de nós. As núpcias inauguram uma comunhão total de vida: é o que Deus deseja ter com cada um de nós. Por isso o nosso relacionamento com Ele não se pode limitar ao dos devotados súbditos com o rei, ao dos servos fiéis com o patrão ou ao dos alunos diligentes com o mestre, mas é, antes de tudo, o relacionamento da noiva amada com o noivo. Por outras palavras, o Senhor deseja-nos, procura-nos e convida-nos, e não se contenta com o nosso bom cumprimento dos deveres e a observância das suas leis, mas quer uma verdadeira e própria comunhão de vida connosco, uma relação feita de diálogo, confiança e perdão.

Esta é a vida cristã, *uma história de amor com Deus*, na qual quem toma gratuitamente a iniciativa é o Senhor e nenhum de nós pode gloriar-se de ter a exclusividade do convite: ninguém é privilegiado relativamente aos outros, mas cada um é privilegiado diante de Deus. Deste amor gratuito, terno e privilegiado, nasce e renasce incessantemente a vida cristã. [...]

Mas o Evangelho adverte-nos: o convite *pode ser recusado*. Muitos convidados disseram que não, porque estavam presos aos próprios interesses: «eles, sem se importarem – diz o texto –, foram um para o *seu* campo, outro para o *seu* negócio» (Mt 22, 5). Uma palavra reaparece: *seu*; é a chave para entender o motivo da recusa. De facto, os convidados não pensavam que as núpcias fossem tristes ou chatas, mas simplesmente «não se importaram»: viviam distraídos com os seus interesses, preferiam ter qualquer coisa em vez de se comprometer, como o amor exige. Vemos aqui como se afasta do amor, não por malvadez, mas porque se prefere o *seu*: as seguranças, a autoafirmação, as comodidades [...]

Há um último aspeto que o Evangelho destaca: *o vestido dos convidados*, que é indispensável. Com efeito, não basta responder uma vez ao convite, dizer «sim» e... chega! Mas é preciso vestir o costume próprio, é preciso o *hábito* do amor vivido cada dia. Porque não se pode dizer «Senhor, Senhor», sem viver e praticar a vontade de Deus (cf. Mt 7, 21). Precisamos de nos revestir cada dia do seu amor, de renovar cada dia a opção de Deus.

PAPA FRANCISCO, *Angelus*, Praça de São Pedro, Domingo, 12 de Outubro de 2014

No Evangelho deste domingo, Jesus fala-nos da resposta que se dá ao convite de Deus — representado por um rei — para participar num banquete de núpcias (cf. Mt 22, 1-14). O convite tem três características: a *gratuidade*, a *generosidade*, a *universalidade*. Os convidados são muitos, mas verifica-se algo surpreendente: nenhum dos escolhidos aceita participar na festa, dizendo que têm outras coisas para fazer; aliás, alguns demonstram indiferença, incómodo, fazem-se estranhos. Deus é bom para connosco, oferece-nos gratuitamente a sua amizade, concede-nos gratuitamente a sua alegria, a salvação, mas muitas vezes não recebemos os seus dons, colocando em primeiro lugar as nossas preocupações materiais, os nossos interesses, e também quando o Senhor nos chama, muitas vezes parece que nos incomoda.

Alguns dos convidados até maltratam e chegam a matar os servos que comunicam o convite. Mas não obstante a falta de adesões da parte dos convidados, o plano de Deus não se interrompe. Diante da rejeição dos primeiros convidados, Ele não desanima, não suspende a festa, mas volta a propor o convite, ampliando-o para além de qualquer limite racional, e manda os seus empregados às praças e às encruzilhadas das estradas para reunir todos aqueles que encontram. Trata-se de pessoas simples, pobres, abandonadas e deserdadas, bons e maus — inclusive os maus são convidados — sem qualquer distinção. E a sala enche-se de «excluídos». Rejeitado por alguns, o Evangelho recebe o acolhimento inesperado em muitos outros corações.

A bondade de Deus não conhece confins e não discrimina ninguém: por isso, a festa dos dons do Senhor é universal para todos! A todos é oferecida a possibilidade de responder ao seu convite, ao seu chamamento;

ninguém tem o direito de se sentir privilegiado, nem de reivindicar uma exclusividade. Tudo isto nos induz a vencer o hábito de nos inserirmos comodamente no centro, como faziam os chefes dos sacerdotes e os fariseus. Isto não se deve fazer; nós devemos abrir-nos às periferias, reconhecendo que até o que está nas margens, aquele que é rejeitado e desprezado pela sociedade, é objecto da generosidade de Deus. Todos nós somos chamados a não reduzir o Reino de Deus aos confins da «igrejinha» — a nossa «igrejinha» — mas a dilatar a Igreja às dimensões do Reino de Deus. Só há uma condição: revestir-se com o hábito nupcial, ou seja, dar testemunho da caridade para com Deus e com o próximo.